

As artimanhas da resistência torcedora: Futebol, linguagem e poder

*The tricks of resistance of football fans:
Football, language and power*

Felipe Tavares Paes Lopes

Doutor em Psicologia Social pela USP e desenvolveu pesquisas de pós-doutorado na FEF-Unicamp e no CPDOC-FGV. Atualmente, é docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Uniso.

RESUMO

Este artigo objetiva analisar as estratégias de resistência adotadas por torcedores de futebol face às transformações que esse esporte vem sofrendo nos últimos anos, bem como as maneiras através das quais essas formas de resistência contribuem para problematizar as metáforas do futebol como ópio do povo e como teatro. Para tanto, baseia-se nas informações obtidas em entrevistas com lideranças de torcidas organizadas e coletivos de torcedores e observações feitas em partidas de futebol, protestos de torcedores, reuniões de coletivos e visitas a estádios. Entre outras coisas, mostra que as referidas metáforas não conseguem lidar satisfatoriamente com o conflito e a contestação existentes hoje em dia no futebol, reforçando o “mito do receptor passivo”.

Palavras-chave: futebol; linguagem; resistência.

ABSTRACT

This article aims to analyze the strategies of resistance adopted by football fans in face of the transformations that this sport has undergone in recent years, as well as the ways in which these forms of resistance contribute to problematize football metaphors such as theatre and opium of the people. Therefore, it's based on the information obtained in interviews with leaders of organized groups of fans and collectives and observations made in football matches, fan protests, meetings and visits to stadiums. Among other things, it shows that these metaphors can't deal satisfactorily with the conflict and contestation that exist today in football, reinforcing the “myth of the passive receiver.”

Keywords: football; language; resistance.

Introdução¹

Este artigo insere-se no campo de estudos sobre Comunicação, Esporte e Cultura, que vem sendo desenvolvido há algumas décadas no Brasil. Conforme Helal (2011), um dos livros clássicos para a fundação de uma teoria da comunicação no país – “O monopólio da fala”, de Muniz Sodré² – já dedicava um capítulo ao futebol. Recentemente, pesquisas desenvolvidas no referido campo (SIMÕES; HELAL, 2016; SIMÕES, 2016 2017) se debruçaram sobre as novas culturas torcedoras e suas formas de resistência, examinando, entre outras questões, o direito ao estádio e ao clube. Este artigo dá, pois, continuidade a esse enfoque de pesquisas, aprofundando-o em dois níveis: focalizando o contexto específico da cidade de São Paulo e problematizando algumas metáforas habitualmente utilizadas para descrever as relações entre futebol e poder.

Meus objetivos aqui são: primeiro, analisar as estratégias de resistência adotadas por torcedores de futebol no contexto supramencionado, face às transformações trazidas pela lógica neoliberal. Lógica que rege, desde os anos 1990, a organização do futebol profissional no Brasil, encolhendo o espaço público de direitos dos torcedores e alargando o espaço privado dos interesses de um mercado globalizado. Mercado que aposta, cada vez mais, na busca por atrair consumidores com um alto poder aquisitivo (LOPES, HOLLANDA, 2018). Segunda: analisar as maneiras através das quais essas estratégias de resistência contribuem para problematizar as metáforas do ópio do povo e do teatro como instrumentos de análise científica do futebol. Metáforas que estão na raiz de parte das teorias sociais e do próprio senso-comum.

Minha intenção, todavia, não é mostrar que essas metáforas são totalmente ilusórias, mas indicar sua parcialidade, mostrando que passam por cima de aspectos importantes da atividade de apropriação e recepção do futebol, como o conflito e a contestação. Também é importante sublinhar que não pretendo sugerir que as críticas a essas metáforas – especialmente a do ópio do povo – sejam originais. Afinal, fazem parte de uma narrativa sobre o futebol que tem sido construída há décadas, tanto no campo científico quanto fora dele. Meu propósito ao retornar a essas críticas é, portanto, outro: mostrar que ainda são válidas e podem nos ensinar muitas coisas sobre as relações entre futebol e poder.

Antes de entrar na discussão proposta, é preciso, todavia, destacar que as informações que fundamentam as análises feitas aqui foram produzidas para uma pesquisa mais ampla sobre os movimentos de resistência ao “futebol

moderno³⁹”, realizada no âmbito da cidade de São Paulo, de 2016 a 2017. Essa pesquisa envolveu a adoção de diversos procedimentos metodológicos. Para os fins deste artigo específico, considereei somente as observações feitas em reuniões e seminários de torcedores, partidas de futebol (de campeonatos estaduais, nacionais e sul-americanos) e protestos de torcedores. Também considereei observações feitas no ano 2018 em treinos abertos ao público e partidas de futebol, sobretudo clássicos estaduais. As observações feitas foram inscritas em um diário de campo e registradas fotograficamente, quando possível. A fim de estabelecer o processo que levou às situações observadas, também fiz, para este artigo, um levantamento de material sobre o tema na internet, por meio do motor de buscas Google. Feito estes esclarecimentos, começo pela análise das estratégias de resistência.

Estratégias de resistência

O termo resistência é empregado, com frequência, nas análises sobre poder, exclusão, desigualdade, hegemonia, subordinação etc. No entanto, muitas vezes, seu significado é dado como óbvio, o que resulta em incompreensões e mal-entendidos. Com efeito, considero fundamental explicitar a noção de resistência que orienta este artigo, antes de discutir como os torcedores resistem às interpelações e imposições da lógica neoliberal. Baseando-me em Alabarces e colaboradores (2008, p. 33, tradução minha), entendo que a referida noção serve para descrever “[...] a possibilidade de setores em posição subalterna desenvolverem ações que possam ser interpretadas, pelo analista ou pelos atores envolvidos, como destinadas a sublinhar relações de dominação ou a modificá-las.”

É preciso destacar, contudo, que o fato de uma ação contribuir, num primeiro momento, para transformar as relações de dominação não significa, necessariamente, que não possa, num segundo momento, reforçá-las. Na pesquisa realizada, observei, por exemplo, que a resistência das torcidas organizadas a medidas vistas como unilaterais e autoritárias por parte do Estado tem levado, em algumas circunstâncias, à ampliação da repressão e dos mecanismos de controle sobre elas, mantendo-as em uma condição de subordinação. A título de exemplo: o uso (ilegal) da pirotecnia tem servido de argumento para as autoridades públicas as impedirem de entrar com qualquer tipo de material que permita sua identificação nos estádios.

Também é preciso destacar que nem toda forma de resistência é feita em grande escala, de forma coletiva e organizada, como aquela levada a cabo por partidos revolucionários, sindicatos e movimentos sociais. Conforme Scott (2004), há muitas formas de resistência cotidianas em pequena escala, sem organização formal ou líderes oficiais. Logo, a luta social e, portanto, as possibilidades de transformação da sociedade ocorrem, muitas vezes, também de forma oculta – em pequenos gestos, em cochichos quase inaudíveis e em boicotes invisíveis aos olhos dos grupos dominantes. Apesar da violência brutal presente nas formas de opressão desses grupos – do estalar do chicote do feitor ou do som seco que sai do cassetete da polícia –, a resistência possui, como veremos, suas artimanhas, operando, de forma inventiva e móvel, nas fissuras do tecido social.

No entanto, ainda que reconheça a relevância dessa luta “invisível”, considero, parafraseando Eagleton (1997), ser preciso, para certos propósitos práticos, distinguir entre exemplos de resistência mais e menos centrais. Caso contrário, destituímos esse conceito de força analítica e política, o que é conveniente para a reprodução da ordem social dominante. Com efeito, ao abordar diferentes formas de resistência, não estou sugerindo que elas sejam simétricas e possuam o mesmo efeito sobre a estrutura de poder do futebol. A meu ver, aquelas coletivamente organizadas são, ao menos no contexto do futebol, mais capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes. Afinal, a organização coletiva facilita a realização do trabalho necessário para que as audiências (elaboradores de políticas públicas, por exemplo) apoiem a transformação da condição vista como problemática. Apenas para dar um exemplo: a manutenção das “gerais” nos estádios alemães – elemento central de uma tradição popular de torcer – só foi possível graças à ampla mobilização dos grupos ultras.

a) Estratégias individuais

Durante a pesquisa de campo, observei uma série de práticas individuais e informais de resistência, ainda que tacitamente organizada pela cultura torcedora. Entre essas práticas, destacam-se o ato de ficar de pé, xingar o juiz, ameaçar a torcida adversária, pular, cantar e não respeitar o lugar marcado. Essas práticas afrontam, até certo ponto, o “código de conduta” imposto pelo novo modelo de estádio implementando no Brasil, a fim de garantir que o país recebesse grandes megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo de 2014, e estivesse de acordo com o chamado “padrão-FIFA”. Modelo que visa afastar o torcedor tradicional com o aumento do valor dos ingressos e a imposição de um novo padrão de comportamento (FERREIRA, 2014).

Para a Copa do Mundo de 2014, foram construídos ou reformados doze estádios, que tiveram sua arquitetura original significativamente alterada. Entre outras alterações, destacam-se o fechamento das antigas “gerais” (processo iniciado já no início dos anos 2000 em alguns estádios, como o Maracanã), o encadeiramento de todos (ou quase todos) os setores, a retirada dos alambrados que separam as arquibancadas do campo de jogo e a criação de vários espaços exclusivos (e, portanto, excludentes). Em outras palavras, esse novo modelo transformou os estádios em “espaços celulares”, que buscam, por meio da disciplinarização e controle dos corpos, constantemente sob a mira de um forte aparato de vigilância, evitar a formação de massas compactas e fervilhantes e, conseqüentemente, estimular o consumo passivo e contemplativo do futebol (FERREIRA, 2014; LOPES; CORDEIRO, 2016).

No entanto, a apropriação desses espaços foi muito diferente daquela previamente planejada. O que parece não ter sido devidamente levado em consideração foi a força de uma tradição específica de torcer, que fez com que hábitos seguidos durante muito tempo pelos torcedores se mantivessem. Em São Paulo, um aspecto central dessa tradição está proibido por uma lei estadual (Lei 4.960): o uso de bandeiras com mastro. Afinal, na visão das autoridades públicas, os mastros podem se transformar em armas em um confronto, representando uma séria ameaça à segurança dentro dos estádios⁴. Alguns torcedores, todavia, inventaram, recentemente, formas criativas de burlar essa proibição. Por exemplo: em um clássico contra o São Paulo em 2018 pelo Campeonato Paulista, um torcedor do Corinthians resolveu improvisar e pegou uma muleta emprestada e a fez de mastro para sua bandeira. Esta passou de mão em mão no setor onde se localiza a torcida Gaviões da Fiel durante todo o segundo tempo, convertendo-se em símbolo da resistência torcedora⁵. Nos jogos seguintes, tornou-se recorrente ver mastros improvisados nesse setor.

Outra prática de resistência a ser destacada é a de torcedores (visitantes) se infiltrarem em jogos de torcida única, que (supostamente) contam apenas com a presença da torcida do clube mandante. Esta medida vem sendo adotada há algum tempo em outros países – como a Argentina – e, no Brasil, já foi implementada em pelo menos três estados. Em São Paulo, isso ocorreu pela primeira vez em 2016, após confrontos entre torcedores corinthianos e palmeirenses antes e depois de um clássico válido pela 14ª rodada do Campeonato Paulista, que resultaram na morte de um torcedor distante do estádio. Desde então, jogos entre os maiores clubes do estado⁶ contam apenas com torcedores do clube mandante.

Ainda que a hostilidade à torcida visitante não seja um dado novo na história do futebol (HOLLANDA, 2009), ela parece ter sido intensificada após a adoção dos jogos de torcida única, uma vez que a mensagem veiculada é que no futebol não é possível convivência pacífica entre torcedores rivais. Em função dessa hostilidade, essa nova categoria de torcedor – o infiltrado – precisa adotar uma série de técnicas de controle da informação (GOFFMAN, 1988), pois, caso seja revelada sua verdadeira identidade clubística, sua segurança estará seriamente ameaçada pelos torcedores rivais, além de poder ser retirado pela polícia do estádio.

A primeira questão a se considerar quando se está na pele de um torcedor-infiltrado é a do uso das redes sociais virtuais. Afinal, a declaração de que se pretende ir ou de que se está em um clássico infiltrado numa rede social virtual pode permitir sua identificação. Declarações desse tipo acabam sendo feitas pois, no imaginário social do torcedor, o estádio é um local a ser protegido pelos mandantes e conquistado pelos visitantes. Com efeito, infiltrar-se é tido como uma forma de conquista. Uma conquista que, no entanto, precisa ser visibilizada para ser reconhecida. Assim, ao mesmo tempo em as referidas redes permitem o torcedor-infiltrado mostrar seu “feito”, elas constituem uma armadilha, se utilizadas no momento errado.

A segunda questão é a da eleição da roupa. Como o temor de encontrar grupos de torcedores adversários é significativamente menor em clássicos de torcida-única, praticamente todos os torcedores vão uniformizados. Assim, quem não está uniformizado converte-se automaticamente em um torcedor-desacreditável (GOFFMAN, 1988). Logo, o torcedor-infiltrado precisa dominar a “arte” de escolher a roupa certa. Afinal, por um lado, o uso de roupas com as cores do seu clube pode denunciar sua adesão clubística e colocá-lo numa situação de perigo. Por outro, o uso das cores do rival pode significar um ato de covardia, anulando seu “feito” de comparecer ao jogo.

A terceira questão é a do comportamento dentro do estádio. O torcedor-infiltrado deve ser seu próprio guardião, controlando até mesmo movimentos mínimos. Ele se vê impedido, por exemplo, de extravasar sua alegria ao assistir ao gol do seu time. No entanto, ao mesmo tempo em que suas falas e gestos corporais não devem denunciá-lo, sua “missão” falharia caso se comportasse da mesma maneira que o torcedor rival. Destarte, ele fica no difícil limiar de não colaborar com a animação do clube rival, mantendo sua reputação intacta, e de agir com a discrição necessária para não ser reconhecido.

b) Estratégias coletivas

Em relação às estratégias coletivas de resistência, é preciso sublinhar, primeiramente, que elas costumam ser adotadas pelas torcidas organizadas, que têm sido fortemente reprimidas pelo Poder Público. Em São Paulo, essa repressão acentuou-se depois da chamada “batalha campal do Pacaembu”, que ocorreu em 1995, na final da Supercopa São Paulo de Futebol Júnior entre Palmeiras e São Paulo. Apesar do pequeno público presente, o confronto entre torcedores organizados de ambos os clubes – que invadiram o campo de jogo e se enfrentaram com paus, pedras e outros artefatos –, resultou em 102 pessoas feridas e uma morta (LOPES; HOLLANDA, 2018).

As imagens do confronto chocaram a opinião pública. Nos dias subsequentes ao evento, suscitou-se um acalorado debate sobre as causas e soluções para a violência no futebol. Com efeito, a fim de dar uma resposta à imprensa e à sociedade em geral, o Poder Público tomou uma série de providências. Entre elas, impediu a entrada de faixas, bandeiras e roupas que identificassem as organizadas nos eventos esportivos no estado de São Paulo. O Poder Público também chegou a fechar algumas torcidas organizadas envolvidas na “batalha campal”, como a Mancha Verde, do Palmeiras, e a Independente, do São Paulo.

Desde então, há uma espécie de “vai e vem” de proibições e os materiais das organizadas ora podem entrar nos estádios paulistas ora não. Um dos efeitos dessas proibições, da recente adoção dos jogos de torcida única, bem como da elitização do futebol, foi a ressignificação dos treinos abertos ao público. Estes tornaram-se o único espaço acessível ao torcedor pobre e um território privilegiado para a manifestação da tradição de torcer das organizadas, preocupadas com a carnavalização do espetáculo nas arquibancadas. Ainda que, há anos, observe-se a presença de público em treinos abertos (principalmente em vésperas de jogos da seleção nacional⁷), eles ganharam, nos últimos anos, uma nova dimensão no dia-a-dia do futebol.

Primeiramente, porque houve um aumento significativo de público nessas ocasiões. Ainda que não tenha encontrado dados estatísticos que pudessem comprovar essa impressão, não é possível fechar os olhos para os grandes públicos que os três grandes clubes da capital paulista (Corinthians, São Paulo e Palmeiras) têm colocado, especialmente após a implementação dos jogos de torcida-única. Nas vésperas da decisão do Campeonato Paulista de 2018, por exemplo, torcedores do Corinthians e do Palmeiras lotaram as arquibancadas de seus estádios, com o objetivo de apoiar os jogadores antes da partida.

Mas não apenas a quantidade de torcedores tem impressionado, a festa feita pelas organizadas nas arquibancadas também tem chamado a atenção. No

treino do Corinthians, por exemplo, as organizadas do clube levaram, com a autorização dos dirigentes, centenas de bandeiras, bandeirões, instrumentos musicais e fizeram um espetacular show pirotécnico, que envolveu o uso de sinalizadores e papéis picados. No fim, apesar dos apelos dos seguranças e das tentativas das próprias organizadas de conter os torcedores, milhares de pessoas invadiram o campo de jogo, relembrando as comemorações de finais de campeonato de décadas atrás.

As organizadas também têm realizado protestos durante os jogos, exibindo faixas com mensagens explícitas contra as forças dominantes do futebol e os rumos que o esporte tem tomado no país. No ano de 2016, por exemplo, os Gaviões da Fiel e outras organizadas do Corinthians convocaram e organizaram uma série de protestos (dentro e fora dos estádios) contra, entre outras coisas, a corrupção na Federação Paulista de Futebol (FPF) e na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a falta de transparência na gestão do clube, o monopólio televisivo da Rede Globo, a opressão da polícia, a elitização do futebol, o jogo das 22h00 e a favor da abertura da “CPI da Merenda”, após denúncias sobre o desvio de verbas para alimentação nas escolas públicas da rede de ensino do estado de São Paulo (LOPES; HOLLANDA, 2018).

No mesmo ano, coletivos de torcedores exibiram faixas, em diversos estádios do país (Arena Corinthians, Mineirão, Beira Rio etc.), contra o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff e, posteriormente, contra o seu substituto Michel Temer. Também levaram faixas contra a Rede Globo, vista como uma das responsáveis pelo *impeachment*. Muitos desses coletivos surgiram recentemente e têm trazido demandas e pautas típicas do “campo progressista” para o universo do futebol. Interessante notar que, durante a pesquisa de campo, não identifiquei a existência de coletivos de torcedores ideologicamente à direita – indicando que, até o presente momento, somente o referido campo tem se apropriado do futebol como um espaço de manifestações políticas organizadas.

Também é importante destacar o surgimento das torcidas antifascistas e de movimentos que lutam contra o machismo e a homofobia no futebol — como a Galo Queer, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Queerlorado, Palmeiras Livre, entre outros. Não observei, todavia, a presença de elementos visuais que identificassem a presença desses movimentos dentro dos estádios paulistas, que parecem atuar, sobretudo, no mundo virtual, devido ao medo de retaliação de setores mais intolerantes das torcidas, principalmente das organizadas. Além de indicar que o futebol segue sendo um espaço profundamente intolerante, marcado por práticas homofóbicas e machistas,

esse dado é relevante, pois nos indica que parte da resistência torcedora se dá fora dos estádios, principalmente nas redes sociais virtuais.

As redes sociais virtuais foram fundamentais também para a propagação do movimento contra o “futebol moderno”, que luta pela preservação de uma tradição participativa de torcer e contra a hipermercantilização do futebol. Existem diversas páginas de Facebook, blogs e sites dedicados ao tema. Esse movimento foi iniciado pelos grupos ultras europeus e, hoje em dia, é encampado pelas torcidas organizadas brasileiras. Na pesquisa de campo, observei camisetas, bonés e bandeiras com o símbolo do movimento: uma bola de couro antiga envolta por uma grinalda verde-oliva. Uma das principais demandas desse movimento é a liberação da pirotecnia (representada pelo *slogan* “Pirotecnia não é crime!”). Não à toa, as organizadas costumam desafiar a autoridade do Poder Público com a utilização ilegal de artefatos pirotécnicos dentro dos estádios, tais como piscas-piscas e sinalizadores.

Uma forma bastante artilosa de contornar as restrições impostas pelo Poder Público, sem afrontar suas determinações, é a utilização da “camisa da proibição”. Esta é uma camisa análoga às camisas oficiais das organizadas (mas sem o símbolo da torcida) e que é utilizada por seus integrantes nos períodos em que estão impedidos de entrar nos estádios com qualquer tipo de acessório de identificação que faça menção ao nome do grupo. Com ela, conseguem manter a identidade visual da torcida nas arquibancadas e mostrar sua força e capacidade de resiliência, ao mesmo tempo em que evitam qualquer tipo de punição (LOPES; HOLLANDA, 2018).

A fim de lutar por seus direitos e fortalecer o diálogo com o Poder Público, ao longo dos anos, as organizadas criaram uma série de entidades representativas. Hoje em dia, a mais importante é a Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG), fundada oficialmente em 2014. Com efeito, essas torcidas conciliam, estrategicamente, três tipos de linguagens: primeira, a dos direitos, que é imperativa. Afinal, se há direitos, é obrigatório respeitá-los; não é possível postergá-los. A ANATORG, por exemplo, reivindica a mudança de alguns pontos do Estatuto de Defesa do Torcedor, que considera injustos, e a efetiva aplicação de outros. Segunda, a das políticas públicas, que é uma linguagem de possibilidades, de processos políticos. A ANATORG, por exemplo, está permanentemente negociando a implementação de medidas com o Poder Público, como ações educativas. E terceira, a da ação direta, como as descritas acima (SPINK, 2013).

Não é meu objetivo aqui avaliar qual dessas três linguagens constitui o melhor caminho para as organizadas alcançarem suas demandas. Mas apenas iluminar

as diferentes formas de resistirem a um modelo de futebol e a uma série de medidas que a mantem em uma condição de subordinação na estrutura de poder do futebol. Formas que, conforme veremos no tópico subsequente, tendem a ser ocultadas pelas metáforas do futebol, que não conseguem lidar satisfatoriamente com seu potencial de transformação.

Metáforas do futebol e seus limites

No nosso dia-a-dia, empregamos, com muita frequência, figuras de linguagem para dar sentido ao mundo, como as metáforas, que envolvem a aplicação de “um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente, não pode ser aplicado” (THOMPSON, 2002, p. 85). Expressões metafóricas “levantam uma tensão dentro de uma sentença, através da combinação de campos semânticos diferentes, tensão essa que, se bem-sucedida, gera um sentido novo duradouro” (p. 85). Ao fazer isso, a metáfora organiza a percepção do mundo que nos rodeia, contribuindo para reproduzir ou para transformar as relações sociais.

Esta seção examinará as metáforas que tratam o futebol como se ele fosse o ópio do povo ou como se ele fosse uma peça de teatro. Tais metáforas podem, certamente, trazer muitos *insights* para o entendimento dos significados e das “funções sociais” do futebol na nossa sociedade. No entanto, a partir das análises feitas na primeira parte, buscarei mostrar que há críticas a serem feitas a elas. Isto não significa, conforme já antecipei, que elas sejam totalmente ilusórias ou equivocadas. Pretendo somente mostrar que elas omitem ou, inversamente, supervalorizam alguns aspectos das torcidas futebol e do comportamento dos torcedores. Começo pela metáfora do futebol como ópio do povo.

a) O futebol como ópio do povo

No Brasil, as origens do debate sobre futebol e poder remetem à segunda metade da década de 1970 e início dos anos 1980, quando parte significativa dos analistas adotava uma abordagem de inspiração marxista, que entedia que o futebol possuía efeitos narcotizantes, que sedavam a população e desviavam sua atenção dos graves problemas sociais que assolavam o país. Um exemplo desse tipo análise é a de Ramos (1984). Baseado na obra de Althusser, o autor entende que o futebol opera como um Aparelho Ideológico de Estado (AIE), que mistifica a realidade e legitima o modo de produção capitalista.

Ainda no início dos anos 1980, uma perspectiva quase oposta, baseada em estudos antropológicos e históricos, compreendeu o futebol não como o “ópio do povo”, mas como “[...] o espaço de formação de identidades e de expressão do nacional ou do regional, de participação e pertencimento, de emoção e prazer, de recreação, criação e imaginação” (LOVISOLO, 2011, p. 14). Apesar dessa nova perspectiva, a ideia de que o futebol é o “ópio do povo” segue presente no imaginário social, como se houvesse uma relação direta entre as conquistas dentro de campo e falta de mobilização política da sociedade. Em texto recentemente publicado na Folha de S. Paulo, o antropólogo Ronaldo Trindade afirma, por exemplo, que “o futebol e as Copas do Mundo são fatos hegemônicos no Brasil, que ofuscam conflitos, mazelas e diversas formas de opressão que nos atravessam⁸⁷”.

Por um lado, é preciso reconhecer que, em diversos momentos da história, governantes buscaram instrumentalizar o futebol e retirar algum lucro político das conquistas dentro das quatro linhas, buscando associar-se a elas. Um exemplo recorrente é o da Copa do Mundo de 1970, quando o general e então presidente da República, Emílio Médici (1969-1974), apresentava-se como amante do futebol e tentava, por meio da publicidade oficial, passar a imagem de ser mais um torcedor, a fim de angariar popularidade e legitimar a ditadura civil-militar (1964-1985) perante os críticos, internos e externos (GUTERMAN, 2004).

Por outro lado, é preciso reconhecer que não devemos incorrer no erro de assumir uma teoria demasiadamente simplista de comunicação e confundir “efeito visado” com “efeito produzido”. Seguindo Charaudeau (2018), o ato de comunicação consiste numa troca entre as instâncias de produção e recepção, sendo que o sentido de uma mensagem depende, necessariamente, das condições de interpretação do receptor. Sendo assim, não é possível retirar o efeito da mensagem da sua estrutura e conteúdo. Este tipo de análise cai naquilo que Thompson (2000) denominou de “falácia do internalismo”.

A “falácia do internalismo” está, por sua vez, visceralmente relacionada ao que o autor denominou de “mito do receptor passivo”, que pressupõe que o receptor simplesmente absorve as mensagens, como se fosse uma espécie de esponja. Conforme nos esclarece, no processo de recepção, as pessoas procuram entender as mensagens, respondê-las e compartilhá-las com os outros e, ao fazerem isso, reconstroem a própria mensagem e reformulam os limites de sua própria experiência. Daí a dificuldade do futebol – entendido como um AIE – de integrar as pessoas numa ordem social totalmente coesa, legitimando o *status quo* (LOPES, 2015).

Os exemplos citados na parte I indicam que essa tese exagera, significativamente, o quanto as pessoas aceitam as ideias e os valores partilhados pela “indústria do futebol”, pautada na lógica neoliberal. Parece haver um grau muito maior de dissenso e de não-satisfação do que a metáfora do ópio faz crer. Afinal, como podemos explicar as diversas práticas de resistência aos modos socialmente autorizados de se apropriar e consumir o futebol se este possui um papel tão integrador e ajustador à ordem social vigente? Como explicar a contestação na arquibancada e fora dela?

Além de não conseguir explicar a resistência e a contestação, a metáfora do ópio do povo possui implicações discursivas relevantes. Ao sugerir que o torcedor é um adicto, incapaz de refletir criticamente, ela, em primeiro lugar, retira sua racionalidade, o que é uma forma desumanizá-lo. Em segundo lugar, nega sua voz, pois ele não teria nada de relevante a dizer. E, em terceiro lugar, legitima a ampliação do controle social e a adoção de medidas repressivas, pois o torcedor poderia representar um perigo a si mesmo e aos outros (LOPES; CORDEIRO, 2015).

Diante do exposto, podemos dizer, que embora empregada por autores que se autodeclararam críticos, a metáfora do ópio do povo pode ensejar uma leitura bastante conservadora do futebol, que ignora ou, ainda pior, contribui para minar práticas que podem ser capazes de se transformar num desafio real ao seu *status quo*.

b) O futebol como teatro

Outra metáfora habitualmente utilizada para retratar o futebol é a do teatro. A frase do radialista Fiori Gigliotti – “abrem-se as cortinas e começa o espetáculo” – foi, por exemplo, muito celebrada pela cultura futebolística. Nesta metáfora, o torcedor pode desempenhar dois papéis: o de espectador passivo, na visão dos críticos do processo de “arenização” dos estádios, e o de ator-protagonista, quando se quer celebrar a festa nas arquibancadas. Em ambos os casos, todavia, reforça-se o “mito do receptor passivo”, passando por cima das práticas descritas no tópico I. Ainda que, no segundo caso, pressuponha-se uma relação menos contemplativa com o futebol, o torcedor segue sendo visto como um ator. E um ator, como sabemos, desempenha um determinado papel. E este, por sua vez, segue um roteiro previamente elaborado...

Desenvolvamos com vagar o argumento. Seguindo o pensamento de Billig (2008), pode-se dizer que, se o torcedor é um ator, ele deve seguir algum tipo de roteiro que coordena suas ações dentro dos estádios, ou seja, seus gestos, falas e comportamentos em geral dependem de um aprendizado e do acompanhamento de regras não escritas na vida social – como, por exemplo,

nunca gritar “gol” antes da hora. Os roteiros apropriados para estádios devem ser extraídos da memória dos torcedores e depois seguidos com algumas improvisações possíveis. A inabilidade de atuar segundo esse roteiro pode levar o torcedor ao constrangimento ou, até, a ser agredido fisicamente.

Por um lado, a metáfora do teatro apreende aquilo que é necessário para a coordenação de parte significativa do que ocorre nas arquibancadas durante um jogo. Aliás, conforme já sugeri, a força das regras não escritas, que adquiriram um caráter de hábito e de rotina, parece ter sido subestimada pelos atuais gestores do futebol, que buscam implementar à força uma nova cultura torcedora. Por outro lado, ela não consegue lidar satisfatoriamente com o conflito e a contestação. Em primeiro lugar, porque dentro do próprio estádio de futebol há desacordo entre os torcedores, diferentemente do que acontece numa peça de teatro. Nem sempre, por exemplo, o uso da pirotecnia é visto com bons olhos por todos os torcedores. Ao contrário, a paralisação de uma partida em função desse uso e/ ou a possibilidade de o clube ser punido faz com que, com frequência, ele seja vaiado por parte do estádio.

Em segundo lugar, porque, como já deve ter ficado claro, os torcedores não, necessariamente, aceitam o roteiro elaborado pelos gestores do futebol. Alguns grupos se apropriam do estádio a seu modo e, inclusive, contestam explicitamente esse roteiro, protestando. De qualquer modo, para manter a metáfora teatral, poder-se-ia argumentar que se trata de “improvisações” ou que cada grupo de torcedores interpreta uma determinada peça, com regras bem definidas. As torcidas organizadas, por exemplo, teriam seus próprios roteiros. E os membros dessas torcidas, ao acenderem um sinalizador, por exemplo, nada mais fariam do que desempenhar o papel que lhes foi destinado pelas próprias torcidas (as roteiristas e diretoras do espetáculo). Assim, o conflito poderia ser explicado como o resultado de um choque de roteiros inconciliáveis. Por exemplo, quando parte da torcida quer desempenhar o papel de espectador contemplativo e a outra demanda que esta apoie o time. O grito da torcida corintiana é ilustrativo: “levanta cuzão, é jogo do Timão!”.

Na verdade, o maior problema da metáfora do teatro é que, como sublinha Billig (2008, p. 63), ela “[...] reduz o mundo do teatro ao desempenho no palco. Se o mundo todo é o que ocorre no palco, então o que ocorre nos bastidores está sendo excluído”. Com efeito, pode-se dizer que uma parte significativa do que acontece na cena torcedora não é captada. Durante a peça (ou partida de futebol), todos os atores (ou torcedores) devem deixar seus desacordos de lado e, até certo ponto, colaborarem entre si para produzir a peça (ou ajudar sua equipe a ganhar a partida). No entanto, é principalmente nos bastidores que existe a possibilidade ou a probabilidade de se mudar os

rumos de uma peça. É lá onde afloram as tensões e onde as direções de cena são permanentemente negociadas.

Essa negociação ocorre num espaço assimétrico de poder. Mas nem por isso os agentes subalternos (os torcedores) não podem fazer nada, aceitando tudo passivamente. Ao contrário, conforme adiantei na Parte I, uma série de entidades representativas de torcedores foi criada nos últimos anos para defender determinadas “culturas torcedoras” e discutir com Poder Público o roteiro do que se pode e não se pode fazer dentro dos estádios. E é justamente o trabalho dessas entidades – que envolve, entre outras coisas, uma série de encontros com autoridades públicas e do futebol –, que é ocultado pela metáfora do teatro. Ou ainda, aquilo que é dito, discutido e contestado nas redes sociais virtuais. Quem assiste a uma partida de futebol no estádio pode ter a sensação de que torcer significa, necessariamente, partilhar valores e pontos de vista homofóbicos e sexistas. E isso porque, repito, os bastidores permanecem na penumbra. Penumbra que, por sua vez, tende a reforçar a metáfora do ópio do povo, dado que o conflito sai de cena, ensejando a percepção de que todos estão anestesiados. E é exatamente neste ponto que ambas as metáforas se entrelaçam, sufocando a noção resistência.

Considerações finais

Neste artigo, busquei analisar as estratégias de resistência adotadas por torcedores de futebol face às transformações que esse esporte vem sofrendo nos últimos anos, bem como as maneiras através das quais essas estratégias contribuem para problematizar as metáforas do futebol como ópio do povo e como teatro. Ao fazer isto, sustentei, entre outros argumentos, que essas metáforas não conseguem lidar satisfatoriamente com o conflito e a contestação existentes hoje em dia no futebol, reforçando o “mito do receptor passivo”. Em estudos futuros, considero relevante aprofundar a discussão sobre como os torcedores de futebol resistiram a medidas autoritárias e a formas de opressão e dominação em outros períodos históricos e contextos sociais. Afinal, por mais que se busque sufocar a resistência, esta sempre encontra uma forma inventiva e sagaz de sobreviver. A resistência, pois, tem lá suas artimanhas.

Referências

- ALABARCES, Pablo. Introducción. Un itinerário y algunas apuestas. In: ALABARCES, Pablo; RODRÍGUEZ, María Graciela (Coomp.). *Resistencias y mediaciones: estudios sobre cultura popular*. Buenos Aires: Paidós, 2008, p. 15-30.
- BILLIC, Michael. *Argumentando e pensando: uma abordagem retórica à psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/ Editora Boitempo, 1997.
- FERREIRA, Fernando da Costa. O novo Maracanã como arena do embate entre diferentes formas de torcer: uma contribuição da Geografia dos Esportes. *Revista Geo-paisagem*. n. 26, 2014, s/p.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GUTERMAN, Marcos. Médicos e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. *Projeto História*. 2004, p. 267-279.
- HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. *Comunicação, Mídia e Consumo*. v. 8, n. 21, 2011, p. 11-38.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges. *O clube como vontade e representação: o jornalismo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*: 7 Letras, 2009.
- LOVISOLO, Hugo. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-32.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica. *Tríade – Revista de Comunicação, Cultura e Mídia*. v 4, n 16, 2016, p. 89-108.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Futebol, massa e poder: reflexões sobre a ‘teoria do contágio’. *Revista Psicologia Política*, v. 15, p. 479-495, 2015.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. *Tempo*. v. 24, n. 2, 2018, p. 207-232.

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. *Esporte e Sociedade*, n. 27, p. 1-18, 2016.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. *Cientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno*. Multifoco, 2017.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz; HELAL, Ronaldo. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. *Tríade – Revista de Comunicação, Cultura e Mídia*, v. 3, n. 7, 2016, p. 54-69.

SCOTT, James C. *Los dominados y el arte de la resistencia*. 2 ed. México D. F.: Ediciones Era, 2004.

THOMPSON, John Brookshire. *Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPINK, Peter. Psicologia Social e políticas públicas: linguagens de ação na era dos direitos. In: MARQUES, Eduardo; de FARIA, Carlos Aurélio Pimenta. *A política como campo multidisciplinar*. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro, Editora Fio Cruz, 2013, p. 155-180.

Nota

- 1 Este trabalho contou com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).
- 2 Publicado originalmente em 1977.
- 3 Lema internacional adotado por agrupamentos de torcedores contra a hipermercantilização do esporte e suas consequências (LOPES; HOLLANDA, 2018).
- 4 Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/bandeira-com-mastro-de-muleta-vira-simbolo-de-resistencia-na-arena-corinthians.ghtml>. Acesso em: 20 de junho de 2018.
- 5 Disponível em: <https://www.meutimao.com.br/noticia/278314/1-em-30-milhoes-corinthiano-ofusca-bandeirao-patrocinado-e-flamula-muleta-improvisada-na-arena>. Acesso em: 20 de junho de 2018.
- 6 Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Guarani e Ponte Preta.
- 7 Por exemplo, na Copa do Mundo de 1950, no Brasil, uma multidão tomou conta das dependências de São Januário, a fim de acompanhar os preparativos da seleção brasileira para o jogo decisivo contra o Uruguai.
- 8 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2018/06/o-desinteresse-recorde-do-brasileiro-pela-copa-do-mundo-pode-ser-um-sinal-positivo-sim.shtml>. Acesso em: 22 de junho de 2018.